



Estudo da construção dos sentidos das redes sociais sobre as situações de conflitos socioambientais relacionadas à refinaria de Suape-Pernambuco¹

Antônio Júlio Rebelo NETO²
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO: A presente pesquisa analisou o discurso da mídia online sobre a implantação da refinaria se debruçando sobre notícias selecionadas do conteúdo eletrônico do Jornal do Commercio publicados em um período de três anos. As matérias foram sistematizadas e analisadas utilizando conceitos orientadores da Análise Crítica do Discurso. As notícias observadas demonstram ser produtos da comunicação unidirecional que reproduz os interesses de empresários e aliados, em que o processo de implantação da Refinaria de Petróleo é percebido como desenvolvimento econômico benéfico, enquanto que as questões referentes à desapropriação de comunidades, novas configurações e conflitos socioambientais, são deixados de lado.

PALAVRAS-CHAVE: impactos ambientais, Complexo Industrial de Suape, notícias, discursos

A população busca nos meios de comunicação informação sobre o que acontece ao seu redor e quais consequências os fatos podem ter. Também procuram nos meios informacionais ideias acerca do que se pode fazer para manter, melhorar e recuperar os modos de vida que melhor se relacionem com o meio ambiente. Estes estilos de vida muito se relacionam com a saúde dos indivíduos e ao analisar o espaço que é reservado para pautas sobre saúde, pode-se constatar que há um elevado número de matérias publicadas, principalmente porque as empresas de comunicação perceberam que esse tema tem sempre apelo e interesse da população. Considerando-se o conceito ampliado de saúde, que apresenta como seus condicionantes temas como educação, cultura, ambiente, habitação e transporte, amplia-se ainda mais o espaço que matérias com essa temática ocupam na mídia.

Atualmente, o Brasil se encontra em novo momento desenvolvimentista, mediado pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), em que diversos

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Recém graduado (2014.2) do Curso de Jornalismo da UFPE, email: juliorebelo84@hotmail.com



empreendimentos produtivos e de infraestrutura estão sendo implementados em diversas regiões do país. Muitas localidades que passam por essas transformações são palco de conflitos socioambientais e suas comunidades são excluídas do processo de discussão e decisão sobre a nova reconfiguração socioeconômica e produtiva do território, colocando em situação de risco as populações tradicionais, povos indígenas isolados e os ecossistemas.

Nesse cenário, o petróleo ocupa um papel de destaque por predominar no setor de transportes e ser o principal responsável pela geração de energia elétrica em diversos países. Como a produção e as demandas nacionais superam a capacidade de processamento, está prevista a expansão do parque de refino brasileiro com investimentos que representam 50% dos recursos destinados a refino e petroquímica no Brasil.

Em Pernambuco, está sendo construída uma refinaria de petróleo, a Refinaria Abreu e Lima (RNEST) que é um projeto cuja idealização parte da década de 1970, momento em que se iniciou a construção do porto de Suape, mas que começou a ser concretizado em 2007, com previsão de conclusão para 2014, incentivada também pela descoberta de petróleo na camada do pré-sal, reforçando a perspectiva do aumento do consumo dessa matriz energética no Brasil.

Rigotto (2008) revela que as indústrias ditas como “sujas”, como é o caso da refinaria, pelo seu alto poder poluidor, são renegadas aos países menos desenvolvidos que facilitam o processo com anuência de impostos e as recebem de braços abertos, justamente por terem menos condições de fiscalização ambiental e de organização social. Novos processos produtivos introduzem novos perigos, novas relações de trabalho, novas configurações do território e conseqüentemente novos impactos na saúde dos trabalhadores e da população. Salienta Rigotto (2007) que as situações de riscos ocupacionais não atingem igualmente pessoas dos diversos segmentos e classes sociais e nem se restringem aos muros das fábricas, atingindo também a população residente do entorno. O agravante é que as camadas mais pobres são as que estão mais suscetíveis e expostas a esses riscos, seja pela falta de acesso à moradia decente, à água potável, transporte, condições adequadas de vida, seja pelas péssimas condições de trabalho.

O custo social e ambiental dos empreendimentos precisam ser conhecidos e internalizados por toda a sociedade para que esta possa construir possibilidades de



participação nas ações de promoção da saúde e no controle das situações nocivas para a saúde e para o ambiente de forma planejada.

Considerando a complexidade da comunicação na sociedade contemporânea e os complexos fenômenos dos riscos à saúde, e suas estratégias de prevenção e controle, é necessária uma reflexão diferenciada, aproximando conhecimentos de campos disciplinares como a sociologia, a antropologia, a epidemiologia, a política e a comunicação com os saberes populares, garantindo dessa forma, o direito humano à comunicação.

Os desafios da comunicação ambiental

Em um mundo onde a crise ambiental é evidente, questionadora e desafia governos a resolvê-la, o papel que a ecologia, a sustentabilidade e a responsabilidade sobre o meio ambiente exercem sobre os centros informacionais é tão importante ao ponto desses temas estarem sempre presentes nos momentos em que se pensa nas pautas jornalísticas.

O Jornalismo Ambiental se realiza através da periodicidade de publicação e por profissionais da imprensa, tanto pelas matérias/colunas/editoriais/cadernos sobre meio ambiente, como nos veículos ou espaços de produção jornalística exclusivamente destinada aos assuntos ambientais.

Assim, é útil à discussão delimitar o que é meio ambiente, para que haja consenso, ordem e não sobrem arestas. Portanto, para Bueno, meio ambiente é:

o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes, etc.), mas inclui as interações sociais, a cultura e expressões/ manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana (política, economia, etc.) (BUENO, 2007, p. 35).

O tema ambiental se ramifica em diversos outros subtemas como reciclagem, poluição do ar, aquecimento global, combustíveis fósseis, evidenciando a multidisciplinaridade dos assuntos ambientais e fornecendo inúmeras pautas jornalísticas. O jornalista ambiental não deve priorizar as partes em detrimento do todo, quando é clara a interligação entre pessoas com meios-físicos e biológicos, constituindo sistemas vivos e dinâmicos.



Conceituando, então, o jornalismo ambiental: processo pelo qual ocorre captação, produção, edição e circulação de informações contendo temáticas ambientais e que se destinam ao público leigo e não especializado (BUENO, 2007).

Apesar de sua importância, o meio ambiente ainda é coadjuvante no sistema econômico atual, predominantemente capitalista. Porque são forças antagônicas (economia e biologia) o embate entre desenvolvimento tecnológico e preservação ambiental ainda deve perdurar por muitos anos.

É pertinente lembrar que para ser adequada a apresentação dos temas ambientais pelos jornalistas, estes devem superar seus conhecimentos e enxergar o meio ambiente não apenas como partes naturais da vida, tal a fauna ou a flora, e sim, deve compreender que ecologia envolve as mais diversas formas de ligações entre as partes ou os seres e sua dinâmica ambiental (CAPRA, 1982; GIRARDI, 2006).

De modo que há a necessidade real de se tratar o debate sustentável de maneira responsável, não apenas para “vender” notícias, mas que a divulgação midiática ambiental seja base para reflexões sociais acerca da relação entre desenvolvimento e equilíbrio ecológico.

No entanto, nem sempre isso acontece, porque como argumenta Massuchin (2009) e Souza (2002) as organizações noticiosas podem sofrer pressões externas, como patrocinadores do veículo, ou por manter relações de parceria com outras instituições (poluidoras), e que, conseqüentemente, irá direcionar a escolha das fontes. É o que Souza (2002) diz ser a combinação de fatores (rotinas produtivas, valores notícias, fontes e estrutura organizacional) para manter a ideologia dominante. Assim, em veículos mais conservadores, por exemplo, fontes como ONGs e ambientalistas dificilmente serão ouvidas.

Mas após as afirmações é saudável questionar o quanto nossa sociedade está interessada em conhecer os assuntos relacionados ao meio ambiente. Isto é, como esta sociedade encara as notícias científicas quando por muito tempo a ciência servia apenas para fornecer seus produtos sem que houvesse questionamentos ou discussões acerca do seu campo de atuação. Parece claro que com o aumento das informações e a facilidade em acessá-las instigou as pessoas a serem mais curiosas, o que pode despertar o interesse nos temas científicos (SUZINA & PICHELLI, 2005).

Revistas, programas de TV, folhetos, são alguns exemplos de formatos que podem trazer ao público as descobertas científicas e suas explicações. É considerável pensar que o discurso científico, geralmente, é distante do cotidiano das pessoas. Estes



tratados usualmente comungam de linguagem própria, técnica e rebuscada, o que aumenta o espaço entre o que é produzido nos saberes científicos e o que é assimilado pelo cidadão comum (SUZINA & PICHELLI, 2005).

Naturalmente, é importante haver um estreitamento entre o que os indivíduos vivem no seu dia a dia e o que se produz cientificamente. Isto porque conscientiza as pessoas ecologicamente, reduzindo os danos ao meio ambiente, e, em consequência, às suas qualidades de vida.

É deste ponto que Suzina & Pichelli (2005, p.6) evidencia o meio por onde o discurso da questão ambiental deveria passar, na perspectiva de gerar a motivação necessária para que a sociedade saia do discurso a favor do meio ambiente para uma práxis mais efetiva.

Metodologia

Pela natureza deste objeto de pesquisa, a investigação se configura como um estudo descritivo e analítico, de abordagem qualitativa.

O plano analítico apoia-se nos conceitos e princípios orientadores da Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough (2001), a partir das teses que dão sustentação a perspectiva da saúde e do ambiente e da comunicação ambiental.

A ACD apresenta uma concepção de discurso e um corpo teórico adequado para o uso na pesquisa científica e social e no estudo da mudança social, pois tem o objetivo de reunir a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e política para o discurso e a linguagem (FAIRCLOUGH, 2001).

Para análise foram utilizados princípios conceituais da Análise Crítica do Discurso (ACD) e conceitos do campo da saúde e justiça ambiental, abordados no referencial teórico do estudo. A ACD compreende o discurso como uma forma de prática social e por isso deve-se movimentar-se entre o linguístico e o social. Fairclough compreende o discurso como uma forma de prática social que é constitutivo, na medida em que possibilita a definição das estruturas sociais, ao mesmo tempo em que é constituído socialmente.

A ACD pretende mostrar o modo como as práticas linguístico-discursivas estão imbricadas com as estruturas sociopolíticas mais abrangentes, de poder e dominação. De acordo com Fairclough (1989), a ACD pretende também "aumentar a consciência de como a linguagem contribui para a dominação de umas pessoas por outras, já que essa consciência é o primeiro passo para a emancipação".



No caso em pauta, a percepção dos sujeitos sociais sobre o processo da implantação dos empreendimentos no território de estudo, essa tridimensionalidade dos efeitos do discurso possibilita verificar o posicionamento, a interação com as ideias da sociedade sobre o tema e como é moldada a prática discursiva e confrontá-las com as teses que dão sustentação a perspectiva da saúde e do ambiente no processo de desenvolvimento sustentável, como a Agenda 21, a Constituição Federal e a legislação de saúde e meio ambiente; a comunicação social promotora da emancipação e do empoderamento social e da gestão participativa (GOMES, 2007).

Para compor o corpus deste trabalho, foram coletadas matérias online do site www.jconline.com.br, utilizando as palavras “Refinaria Abreu e Lima” na caixa de busca, para os anos 2011, 2012 e 2013, em que surgiram 158 notícias. As matérias foram salvas em formato .pdf, e divididas por ano e meses de publicação.

Já os dados das entrevistas, que também compõem o corpus desta pesquisa junto com as matérias, foram coletados por outro projeto de autoria de Santos (2010)^{2*}, que totalizou 35 entrevistas. Os dados foram coletados no período de 2010 a 2013, considerando a seguinte estratégia: (1) realização de entrevistas com os sujeitos sobre a percepção dos perigos e preocupações decorrentes da implantação da refinaria de petróleo e outros empreendimentos previstos no Complexo Industrial.

Para este trabalho, utilizamos cinco entrevistas, diversificando os atores, entre trabalhador de Suape, pescador, moradores de diversas comunidades, representante sindical, pesquisador e comunicador social. Seguimos as categorias disponibilizadas pelos estudos feitos no Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil para sistematizar os discursos, como Principais Conflitos, População Atingida e Principais Danos Causados.

O início da adequação dos dados ocorreu por transcrição fiel das entrevistas. Depois, leituras sistemáticas e profundas foram feitas para apreender as formações discursivas dos sujeitos sociais.

Em seguida, foram realizadas as análises das matérias coletadas, procurando identificar os discursos presentes nas notícias, as vozes utilizadas e a diversidade de fontes.

* O projeto de pesquisa “Estratégias de Comunicação para a Construção de Territórios Sustentáveis no Contexto da Cadeia Produtiva do Petróleo em Pernambuco – Uma Abordagem de Saúde Ambiental” foi aprovado no Comitê de Ética e Pesquisa do CPqAM sob o registro CAEE de nº 135/2008.



Para a análise das percepções sociais confrontamos as falas com o que tinha sido publicado pelas matérias, procurando identificar suas vozes, e, conseqüentemente, seu lugar de fala nos discursos midiáticos. Ao mesmo tempo, procuramos categorizar e perceber as percepções sociais ante as categorias propostas pelo Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil.

Discursos midiáticos x Percepções sociais

Análise das matérias online

Foram 158 matérias analisadas, divididas em três anos: 2011, 2012 e 2013. Assim, o corpus do trabalho compreende o período do início das obras da Refinaria Abreu e Lima no Complexo Industrial de Suape até o pré-lançamento. O período observado possibilitou perceber diversos aspectos sob os mais variáveis pontos de vista: o discurso midiático, as alianças políticas, os conflitos, e os indícios de irregularidades na implantação do empreendimento do refino.

É interessante perceber que a editoria de economia é a mais abriga as notícias sobre Suape. De um total de 158 matérias, 120 são de Economia, representando 75,9% do total. Fazendo uma busca utilizando as palavras-chave “Refinaria Abreu e Lima”, a maioria das matérias irá aparecer em Economia, o que indica uma propensão midiática em tratar os aspectos relacionados a Suape como fatores inseridos no chamado desenvolvimento estatal, quando, na verdade, pontos mais marcantes das notícias estariam incluídos em outras editorias. Assim, mesmo uma matéria em que a ação da polícia contra os trabalhadores em Suape é o assunto principal, por exemplo, ela será inserida em Economia.

Na análise das matérias identificamos três questões recorrentes: Questão Trabalhista, Questão Ambiental e Questão Desenvolvimentista.

Questão trabalhista

A matéria intitulada “Operários param obras de refinaria e petroquímica”, publicada em 24/03/2011, às 15h54, está inserida em Economia, mesmo quando o lead traz a informação de que “É a maior greve nas três décadas de implantação do Complexo de Suape”, como pode ser lido no trecho a seguir:

"Pelo menos 34 mil operários da Refinaria Abreu e Lima (Rnest) e da PetroquímicaSuape (PQS) paralisaram, ontem, as obras dos dois maiores



empreendimentos em construção no Estado, com investimento superior a US\$15 bilhões. É a maior greve nas três décadas de implantação do Complexo de Suape e um momento histórico no novo mundo do trabalho em Pernambuco, sustentado pelo crescimento vigoroso da economia.” Assim, mesmo com 34 mil trabalhadores em greve, o discurso tem prisma econômico. E é possível perceber um tom preocupado do jornal pela paralisação em “um momento histórico no novo mundo do trabalho em Pernambuco, sustentado pelo crescimento vigoroso da economia”. A notícia, no lead, não explica o que motivou a greve ou quais as reivindicações grevistas.

Em agosto ocorre o período de ebulição do movimento dos trabalhadores, com greves e graves conflitos contra o Estado, acarretando, inclusive, em embates com a polícia. Contudo, apesar da situação envolver outros fatores, como insatisfações nos canteiros de obras, defasagem salariais, abusos patronais, insalubridades, etc, as notícias deste mês foram todas categorizadas em Economia. O discurso midiático empregado é predominantemente econômico, em que retomada de obras e urgência dos acordos entre as classes patronais e dos trabalhadores é cobrada para que o chamado “desenvolvimento” continue sem cessar.

Dessa forma, a legitimidade do movimento grevista é questionada pela mídia, enfraquecendo a voz do trabalhador e favorecendo o Estado, forte aliado dos empresários, que agora ocupam até os meios de comunicação, visto que suas vozes são mais presentes nas notícias. Isto contribui para a baixa contextualização dos fatos e para o fraco acesso da sociedade à informação, ocasionando desinformação.

Questão Desenvolvimentista

Na matéria intitulada “Uma visita ao futuro”, “Reportagem do JC acompanha grupo de alunos de uma escola pública que foi conhecer Suape. Nas conversas, o sonho de uma geração que chegará ao mercado em breve”, publicada em 14/05/2011, às 20h06, por Leonardo Spinelli, o discurso positivo econômico já aparece no título quando o jornalista aborda o fato de alunos irem visitar Suape como uma “Visita ao futuro”, que conota desenvolvimento ou avanço de algo muito bom.

No lead temos “Olha quanto concreto!” A exclamação é de uma estudante do ensino médio do Estado ao ver, pela janela do ônibus, o tamanho e o volume de obras em curso no Complexo Industrial e Portuário de Suape. Foi feita durante uma visita de sua escola ao local. Resume o clima de otimismo que envolve a nova geração pernambucana diante do desenvolvimento econômico do Estado e que, em Suape, toma



corpo diante dos olhos com a instalação de novas indústrias. Uma visão diferente da geração de seus pais, que se acostumou a pensar que o Brasil não tinha jeito e que o Nordeste só servia para os seus filhos migrarem em busca de oportunidades no Sudeste do País.”, o que não deixa dúvidas quanto o discurso pró-Suape e Estado, e que as intervenções realizadas no local, mesmo que impregne a área de concreto, são vistas como positivas e benéficas à sociedade.

Em um trecho mais adiante temos “Essas indústrias vão trazer emprego e renda para Pernambuco. O Nordeste nunca foi considerado pelo Brasil e agora nós somos motivo de orgulho para a nossa região. Antes as pessoas saíam daqui em busca de emprego e agora elas estão vindo para cá”, em que mais uma vez a voz utilizada pelo jornalista é colocada para contextualizar o cenário no significado positivo, de desenvolvimento, além de propagar uma ideia de avanço, visto que antes a região era atrasada, segundo a fonte usada. Vale ressaltar que a matéria foi publicada em maio, dois meses após a notícia da greve de mais de 34 mil trabalhadores, o que contraria a ideia de que em Suape a maioria dos empregados estão satisfeitos.

E para finalizar, o trecho "Toda essa movimentação industrial traz impacto ambiental. Para essa geração, no entanto, o caminho é a gestão responsável dos recursos, pois, para eles, retroceder não é opção. “O maior perigo é trabalhar com petróleo. Mas esse é um risco que vale a pena correr, pelo bem do Estado. Tem de haver iniciativas para que desastres não ocorram”, em que percebe-se pouca preocupação com o meio ambiente e sua conservação, pois este é tratado mais como um obstáculo do que aliado do chamado desenvolvimento. Também é possível perceber que possíveis acidentes ou desastres ambientais oriundos do petróleo não causam grandes reflexões, pois, como a fonte escolhida pelo jornalista afirma “Esse é um risco que vale a pena correr, pelo bem do Estado”.

No dia 13/02/2013, às 18h26, é publicada a matéria “Brasil importou volume recorde de gasolina em 2012”, da Agência Estado, e representa bem o discurso midiático observado até aqui, que apoia a voz do Estado em relação a desenvolvimento.

A notícia aborda o prejuízo para a economia brasileira de ter que importar gasolina por não ser um país produtor de petróleo. O fato, de acordo com a matéria, tende a melhorar com a construção da Refinaria Abreu e Lima, colocando o empreendimento como salvação para o problema.

Este tipo de discurso é perigoso à sociedade, pois se sabe que as atividades industriais do porte das que ocorrem em Suape geram diversos impactos negativos ao



meio ambiente, além de conflitos sociais, e quando a realidade retratada pela mídia é de apenas benefícios ocasiona alienação aos leitores e perpetua as irresponsabilidades praticadas pelas empresas.

Questão ambientalista

No dia 05/01/2013, às 08h00, foi publicada a matéria “Refinaria Abreu e Lima vai produzir diesel verde”, e pela primeira vez o tema ligado a impacto ambiental surge como notícia, mesmo que superficialmente. A matéria aborda a nova forma de refino que será realizada na Refinaria Abreu e Lima, que de acordo com a notícia, será menos poluente. Já no lead há a informação de que “Pelo menos 70% do processamento de petróleo da unidade será dedicado à produção de diesel e o combustível estará alinhado à onda verde do mercado”, o que apoia o discurso estatal de desenvolvimento com responsabilidade ambiental, em que o termo “onda verde” consagra essa ideia. Contudo, os demais impactos no meio ambiente não são explicitados, e nem o porquê de se implantar a chamada “onda verde” ou o seu conceito.

A matéria continua afirmando “Há 30 anos sem construir uma nova refinaria no Brasil, a Petrobras decidiu erguer a Abreu e Lima com conceito de sustentabilidade diferente do antigo parque de refino”, em que mais uma vez a implantação de um parque industrial surge como algo positivo de impacto praticamente nulo no meio ambiente, visto que utiliza conceito de sustentabilidade novo, que vende a ideia de moderno e sem poluição. Aliás, a notícia não questiona o quesito contaminação, e nem traz outras vozes, como especialistas, biólogos ou ambientalistas.

A única voz presente é a do presidente do Complexo Industrial de Suape, o que contribui para a baixa contextualização do fato e o pouco acesso à informação de qualidade pela sociedade, favorecendo o domínio discursivo dos empresários e a assimetria no lugar de fala. De uma forma geral, a matéria muito se parece com um release de assessoria.

A única matéria categorizada em Cidades, de cunho ambiental com relação à Refinaria Abreu e Lima, foi publicada no dia em 23/04/2013, às 07h29, com assinatura de Verônica Almeida, e intitula-se “Fim da esquistossomose exige obras de saneamento”. A notícia repercute a falta de saneamento básico e tratamento d’água no Engenho Timboassu, uma das áreas críticas de transmissão da esquistossomose. Lá, 95% dos 120 moradores vivem sem água de abastecimento público.



A matéria questiona, já no lead, o fato da localidade pertencer a Ipojuca, Grande Recife, mesmo município onde vem sendo instalada a Refinaria de Petróleo Abreu e Lima e funcionando o Estaleiro Atlântico Sul. É uma crítica ao modelo de desenvolvimento adotado em que a tantos bilhões investidos, um serviço básico como abastecimento de água potável ainda encontra-se em falta, acarretando em doenças para a população.

No último parágrafo há uma sentença dada pelo presidente da Associação Municipalista de Pernambuco, entidade que congrega os prefeitos, e que ilustra muito bem a situação, de uma maneira geral. Ele diz: “o Executivo municipal enfrenta dificuldades financeiras. ‘O financiamento é escasso para obras de saneamento e o Fundo de Participação dos Municípios está em queda’”, revelando que o grosso dos investimentos é direcionado às atividades no complexo industrial de Suape, enquanto setores básicos para o desenvolvimento social enfrentam dificuldades e abandono. Não há nenhuma fala das autoridades ligadas diretamente ao caso.

As percepções sociais

Nesta parte do trabalho, analisamos o discurso de vários atores atingidos direto e indiretamente pelos impactos produzidos pelos empreendimentos localizados no Complexo Industrial de Suape.

Identificamos nas falas dos atores que os principais conflitos são: **desterritorialização, mudança no perfil profissional e degradação ambiental** (manguezal, principalmente, e mata atlântica). As populações atingidas: moradores dos municípios Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho, sendo as mais afetadas as populações de pescadores tradicionais (Ilha de Tatuoca), comunidades agrícolas (engenhos) e moradores de praias locais, como Suape, Maracaípe e Porto de Galinhas. Para os principais danos identificados: expulsão de moradores, desmatamentos, aterro de manguezal, poluição, aumento no número de consumo de drogas, comprometimento da mobilidade, favelização e queda no turismo.

Discursos registrados:

“Os esgotos aqui não funcionam nada. A água chegava aqui assim, hoje não chega mais, tudo aterrado. Tudo isso aqui era manguezal.” (liderança de moradores da comunidade Vila Socó e Porto de Galinhas).



A fala é bastante representativa e surge muitas vezes nas falas de diversos atores, demonstrando que com a implantação das áreas industriais ocorreu o aterro do manguezal, impedindo o fluxo natural dos rios. Também revela a ausência do saneamento básico nos locais industrializados e seu entorno. Como observado anteriormente, nenhuma matéria destacou o aterro do mangue e seus impactos, e apenas uma repercutiu a falta de saneamento em Ipojuca.

“Porque o pessoal que mora aqui jamais vai se adaptar na cidade. O pessoal aqui vive da pesca, vive do turismo. A gente faz passeata aí, a gente fez uma passeata aí pra melhorar a estrada há umas semanas atrás, mandaram o batalhão de choque pra dar porrada no pessoal que tava fazendo protesto. Então você pode até se unir, tentar, mas contra o sistema é difícil de ganhar, viu? Eu acho assim” (trabalhador de Suape).

Esta fala demonstra a fatalidade sentida por quem viveu toda uma vida em um local, com hábitos e memórias próprias, que constrói sua identidade, e, que agora, devido ao processo de desterritorialização, precisa recomeçar tudo em outro local, com novas dinâmicas, no ritmo da cidade que é bem diferente daquele encontrado em comunidades tradicionais.

A percepção de que várias pessoas estavam sendo retiradas de suas casas é um fator marcante, e que parece habitar a todos que moram na região, e também aqueles que conhecem, estudam ou frequentam o local. Em mais este exemplo fica evidente o espanto ante o processo de industrialização.

"Porque essa praia hoje é cosmética, né, é uma praia artificial. A praia não era isso, a praia era outra coisa. A coisa que mais chegou a mim foi a expulsão de moradores, né? Expulsão, no caso, de gente que morava há muito tempo no lugar, que já era neto de não sei quem que chegou aqui em mil e oitocentos e que teve que sair, né? Teve gente que teve que sair inclusive a polícia veio tirar, né, que não queria sair do lugar e tal." (Arte educador e morador da Praia de Suape).

Ao longo da análise feita junto aos discursos dos atores cresce a sensação de que, na verdade, a área escolhida para receber os empreendimentos industriais não foi a mais adequada. Essa reflexão está bem explicitada na fala de um pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco, que acompanhou o desenvolvimento do Complexo Industrial de Suape ao longo dos anos, e afirma que: "eu achava um absurdo, que um lugar daquele tão especial, do ponto de vista do bem-estar humano, pudesse ser transformado num porto, num parque industrial.". Ele também se mostra preocupado com os trabalhadores, e com as condições de trabalho: "Eu acho que as pessoas que



trabalham ali, devem ter, sei lá, é, sofrer de estresse, de angústia, de alguma coisa que trabalhando num lugar ruim provoca.”.

O sentimento de que há uma incompatibilidade entre meio ambiente e as atividades desenvolvidas no Complexo Industrial de Suape também é presente no discurso de quem mora na região, como por exemplo:

“A gente não quer indústria, a gente quer turismo. Tudo é o desequilíbrio. Mexeu com o mangue, mexe com tudo. O mar avançando mais. Isso aí a gente está percebendo.” (liderança de moradores de Maracápe).

Considerações finais

O discurso de desenvolvimento pregado pelo Governo de Pernambuco, que coloca os empreendimentos industriais e portuários de Suape como razões para os avanços econômicos, geradores de empregos e crescimento na qualidade de vida encontra respaldo nas matérias publicadas pela mídia online.

O fato da maioria das matérias relacionadas à Refinaria Abreu e Lima está publicada em Economia define o apoio midiático às atividades econômicas desenvolvidas no Complexo Industrial de Suape, mesmo que as notícias nada tenham a ver com o discurso econômico.

As matérias publicadas contém baixa diversidade de fontes, contribuindo para a pouca contextualização dos fatos e para o aumento da desinformação. Desta maneira, as notícias tornam-se factuais e superficiais, mesmo que o que as tenham gerado seja algo importante e de forte impacto social. Os leitores não encontram variedade de vozes, o que limita seus conhecimentos, e que propicia a propagação do discurso de poder e da, neste caso, legitimação da força.

Por outro lado, as comunidades tradicionais localizadas em Ipojuca e que receberam os empreendimentos não se enxergam representadas pelo poder público, bem como não possuem discurso publicado em matérias. Com suas vozes suprimidas, ficam à mercê de toda sorte de violências praticadas pelos empresários, que por sua vez contam com o apoio do estado, visto que em muitas falas, e até em notícias, há relatos de ações repressoras da polícia.

Tanto a ação quanto a omissão dos governos acarreta em institucionalização das injustiças ambientais, que precisa ser repensada e combatida para se erigir um estado verdadeiramente democrático. O mesmo se aplica ao lugar de direito no discurso



mediático dos que hoje são excluídos e que, portanto, não existem para a opinião pública.

Referências bibliográficas

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Editora UFPR, n. 15, p. 33-44, jan./jun. 2007.

CAPRA, Fritjof. Alfabetização Ecológica: O desafio para a Educação do século 21. In: A., TRIGUEIRO (org.). Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão nas suas áreas de conhecimento. Rio de Janeiro, Sextante. 2003.

_____. O ponto de mutação. São Paulo, Cultrix. 1982.

FAIRCLOUGH, N. Discurso e mudança social. Brasília:Universidade de Brasília, 2001.

GIRARDI, Ilza Tourino. Pensando o Jornalismo Ambiental na ótica da Sustentabilidade. UNirevista - Vol. 1, n° 3. 2006.

GOMES, R. A. L. A comunicação como direito humano: um conceito em construção. Dissertação (Mestrado em comunicação social) – Programa de pós graduação em comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2007.

MASSUCHIN, Michele Goulart. Jornalismo ambiental: quando a crise do meio ambiente entra em pauta. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Blumenau. 2009.

RIGOTTO, R. “Caiu na rede, é peixe!": a industrialização tardia e suas implicações sobre o trabalho, o ambiente e a saúde no estados do Ceará, Brasil. CAD. Saúde Pública vol.23suppl.4 Rio de Janeiro, 2007: p.519- 611.

_____. Desenvolvimento, Ambiente e Saúde: implicações da (des)localização Industrial. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.

SOUZA, Jorge Pedro. Teorias da Notícia e do Jornalismo. Florianópolis: Argos, 2002.

SUZINA, A.C.; PICHELLI, K.R. A questão ambiental e o discurso informativo: formas de mobilização social In: Seminário Celacom, 2005, São Bernardo do Campo. Anais. CD ROM.